EUCARISTIA: COMUNGAR DO CORPO DA VÍTIMA, ROMPER COM AS LÓGICAS DE PODER EXCLUDENTES

Jerfferson Amorim de Souza[1]

Resumo

Em um país marcado por uma ideologia de poder autoritário que se fundamenta em uma Teologia Política aversa aos pobres, o que significa formar comunidades nutrindo as vidas ao redor do Corpo de Cristo, a Vítima por excelência que se doa gratuitamente por cada fiel? Este trabalho tem por objetivo expor o significado da eucaristia à luz de Jesus que, na Teologia de James Alison, é a Vítima que se doa gratuitamente. Com esse pano de fundo, quer-se afirmar que cada eucaristia celebrada reapresenta o fiel ao Mistério Pascal de Cristo e o coloca em comunhão com o Senhor, que morreu como vítima injustiçada à semelhança de milhões de pessoas que sofrem as consequências da exclusão, da violência e da morte hoje. Consequentemente, a participação no Banquete da Vida deve dar ao fiel o critério de discernimento da história para a superação de toda lógica sacrificial e a ruptura com os poderes autoritários que se legitimam em projetos políticos fundados na exclusão.

Palavras-chave: Jesus Cristo. Eucaristia. Vítimas. Cristofascismo. Exclusão.

INTRODUÇÃO

Reconhecendo que Deus em Jesus se manifesta como a Vítima que se doa, que consequências têm tal reconhecimento para a nossa vida de fé que está fundada na celebração da eucaristia na qual nos alimentamos do Corpo da Vítima? Quais as implicações de nossas eucaristias dominicais no modo como realizamos o discernimento da história e dos projetos de poder político que se consolidam em nosso país? Para tentar elucidar ou discorrer sobre essas questões precisamos ver: o contexto atual em que vivemos nossa

[1] Mestre em Filosofia e Ciências Sociais pela Universidad Jesuita de Guadalajara (ITESO), México e graduando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte-MG. E-mail: jerfferson.sj@gmail.com.

fé alimentada na celebração da eucaristia (1); Jesus e a ressurreição à luz da Teologia de James Alison (2), considerar como podemos compreender a eucaristia (3) e a Igreja (4) na perspectiva que ele nos apresenta e, por fim, apresentar algumas considerações sobre o discernimento dos tempos presentes a partir do mistério celebrado em nossas eucaristias (5).

1 CELEBRAR A EUCARISTIA NO CONTEXTO BRASILEIRO

O ponto de partida de nossa exposição está diretamente relacionado com o atual contexto político e religioso brasileiro. As forças ideológicas e políticas de sustentação do projeto que levou Bolsonaro ao poder e que se mantêm ainda na base de sustentação do seu governo têm um traço eminentemente teológico e religioso (uma teologia política). Bolsonaro foi eleito em 2018 com forte apoio de comunidades cristãs, católicas e evangélicas. Ele se mantém no poder até o final do seu mandato gozando de prestígio diante das mesmas comunidades religiosas, apesar de seu claro descompromisso com as vidas durante a pandemia e seu desprezo para com as populações pobres, negras, indígenas, mulheres e LGBTQIA+.

Conforme estudos do historiador e teólogo Fábio Py, a chegada de Bolsonaro ao poder representa a certeza de que uma expressão teológica se tornou forma de poder institucional (PY, 2020a, p. 4-5). A partir de seus estudos, o teólogo fluminense afirma que o governo de Bolsonaro pode ser tratado como cristofascismo brasileiro (PY, 2020b). A característica fundamental desse poder é o ódio aos diferentes, às minorias e aos pobres construindo um governo que promove violências, racismos e eugenias a partir das grandes estruturas religiosas cristãs: católicas e evangélicas (PY, 2020b). Por trás desse imaginário estão: o desejo de agrupar forças políticas e anseios nacionais a fim de consolidar um projeto ultraliberal que hoje entrega à morte os mais vulneráveis (PY, 2020, p. 30) e a consolidação de um cenário teológico e religioso que legitima um tipo de cristianismo totalmente em descontinuidade com Jesus de Nazaré. Um cristianismo pouco afeito à teologia política a partir dos pobres (PY, 2020b).

Vemos no cenário cristão do ano 2022 a consolidação de comunidades cristãs com identidades assassinas: cristãos que são contra a dignidade humana, que bradam contra as conquistas sociais e os direitos humanos, que reclamam das lideranças religiosas que defendem os direitos das minorias, que atacam a ecologia integral, que marcham para Jesus com arma na mão e que afirmam 'Deus acima de todos' em uma forma de cristianismo que não é capaz de reconhecer a alteridade, os laços sociais e a dimensão política que é inerente às nossas vidas.

Podemos considerar que em nosso contexto atua precisamente o mecanismo do bode expiatório proposto por René Girard (1998, p. 385; 2002, p. 198). Trata-se de um mecanismo de formação de uma unanimidade violenta contra determinados grupos de pessoas. Tais pessoas, ao serem identificadas com o mal ou com a causa dos problemas presentes, são violentamente expulsas ou excluídas do grupo ou do convívio como forma de pacificar aquele grupo que reivindica uma identidade a ser preservada. É justamente pela construção de inimigos coletivos e pela manipulação do medo que esse mecanismo se reproduz e se espalha (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020) gerando a falsa impressão de que a identidade reivindicada é mantida quando os diferentes, a alteridade, torna-se vítima sacrificada.

Contudo, a desconcertante descoberta da tradição de Israel e das comunidades cristãs é o reconhecimento de que Deus não se coloca ao lado dos poderes desse mundo, mas opta por estar ao lado dessas vítimas. Tal realidade impacta de cheio a base de sustentação teológica do cristofascismo, uma vez que seus discursos e práticas de exclusão e morte não teriam nada a ver com a revelação de Deus nas Escrituras culminada na pessoa de Jesus. Ele mesmo que seria o Deus-vítima, a Vítima que se doa por excelência em gratuidade amorosa para ruptura de todo mecanismo de formação de grupos que sobrevivem garantindo sua identidade pela exclusão de outros.

2 JESUS E A RESSURREIÇÃO

A ressurreição é a experiência da irrupção "do outro absolutamente gratuito" que se manifesta como alteridade, mas ao mesmo tempo como uma presença amorosa, conhecida e familiar (ALISON, 1994, p. 30): "é o Senhor" (Jo 21,7). Ao resgatar Jesus da morte, assumindo que a sua existência é querida, Deus assumiu a causa do Crucificado. A morte é esvaziada pelo ato todo amoroso do Pai que irrompe em gratuidade para resgatar o Filho do sepulcro. Revela-se algo totalmente novo: Deus agindo para além de qualquer relação de reciprocidade violenta. Na ressurreição, o Pai mostra que Jesus foi odiado sem causa e que, no senhorio de Jesus, o próprio Deus se revela como vítima humana (ALISON, 2011, p. 139).

Em Jesus, Deus se manifesta como realidade completamente destituída de violência e será justamente em Jesus, em sua morte e ressurreição, que Deus oferece à humanidade a possibilidade de uma nova forma de fazermo-nos humanos. Já não à custa das vítimas, mas agora inclinados às vítimas, voltados para o cuidado delas, uma vez que o próprio Deus se manifestou em Jesus como o Deus-Vítima. Jesus nos abriu a possibilidade de reconhecer a Deus nos perseguidos, nos injustiçados, nas vítimas. Ele pode ser encontrado onde a violência do desejo humano não permite que a dignidade possa florescer ao estilo de Deus que predestinou a humanidade a viver uma vida fundada numa relação amorosa à exemplo do Pai e Jesus, no Espírito.

3 A EUCARISTIA E O MISTÉRIO PASCAL

Ao instituir o memorial de sua Páscoa na ceia do Cenáculo, o Senhor deu a ordem de que o seu gesto fosse repetido (Fazei isto em minha memória – ordem de iteração – 1Cor 11,23-27), o que possibilita o fundamento do gesto ritual sacramental que se atualiza em cada eucaristia das gerações que não estiveram presentes ao evento salvífico (cruz e ressurreição). Cada eucaristia celebrada nos coloca num movimento dinâmico em que somos reapresentados à vida inteira de Jesus, que culmina

na entrega de sua vida.

A graça da qual a assembleia litúrgica participa em cada celebração é a possibilidade de, com gestos e palavras, com sinais visíveis (sacramentais), entrar em comunhão com o Cristo, que é a Vítima que se doa gratuitamente e que nos entrega seu Espírito para vivermos animados por ele, com a mesma forma de vida do Pai, aquele que não tem parte com a violência humana e que está voltado para as vítimas.

Na prece eucarística, pedimos que nós, assembleia litúrgica, sejamos transformados num só corpo eclesial pela participação no corpo sacramental que comungamos (GIRAUDO, 2003, p. 523). Comungar do corpo de Jesus, que é a Vítima que se doa gratuitamente significa participar do corpo sacramental (*corpus mysticum*) – pão e vinho eucaristizados – para sermos consagrados, transformados no corpo eclesial (*corpus Christi*) – corpo de Cristo que é a Igreja (GIRAUDO, 2003, p. 524).

Participando do banquete eucarístico, comemos do corpo exânime e do sangue derramado do Cordeiro que vive imolado (Ap 1,18; 5,6.9.12) para sermos paulatinamente transformados no corpo de Cristo. Ao comungarmos deste corpo somos reapresentados à graça que nos possibilita uma nova relacionalidade humana fundada não na exclusão e no fratricídio, mas sim na descoberta de que somos amados e convocados por Deus à construção de uma nova realidade humana e social que nos é possível ter acesso através da pessoa de Jesus.

A marca que caracteriza a dinâmica da graça na nossa vida é assumir o estilo de Deus em Jesus: comemos o corpo da Vítima e assumimos o compromisso de constituir relações que não estejam fundadas no fratricídio nem na exclusão. Consequentemente, o Crucificado-Ressuscitado se torna nosso companheiro e intérprete (Ele nos revela as Escrituras e parte o pão para nós – oração eucarística VI-A): somos desafiados a examinar todas as dinâmicas da vida humana, a vida social-política-econômica-cultural, à luz desse pressuposto, de uma vida para a superação da dinâmica violenta, sem violência nem exclusão.

4 A IGREJA COMO CORPO VIVO DO CRUCIFICADO-RESSUSCITADO

O Crucificado-Ressuscitado é a pedra que os construtores rejeitaram e que se tornou a pedra angular (Sl 118,22). A presença do Perseguido e Senhor, Jesus Cristo, nos proporciona a revelação criadora e construtiva de uma nova maneira de fazer-nos humanos mutuamente reconciliados em torno do seu próprio corpo, vítima que se doa (ALISON, 2011, p. 153). Somos, assim, constituídos pela Pedra Angular como uma comunidade reconciliada em torno do seu corpo.

Como apontam os cantos do Servo de Isaías (40-55), Israel foi convocado por Deus a construir uma nação sobre um projeto novo: não vitimizar, cuidar da viúva e do órfão, tratar bem o viajante e não escravizar. Israel foi, assim, chamado "para que fosse uma nação autenticamente humana, para o resgate de Abel debaixo das pedras de Caim" (ALISON, 2011, p. 151). A ação de Jesus é levar adiante esse projeto querido por Deus desde o início. Assim, ele funda uma nova comunidade, um novo Israel. Aqui chegamos a um ponto fundamental sobre a Igreja à luz do Mistério Pascal de Jesus e da celebração da eucaristia.

> Ao celebrar a Última Ceia com os seus discípulos, Jesus rememorava o projeto fundador de Deus para Israel. Todavia, ele estava remodelando esse projeto em sua própria pessoa. [...] Ele ofereceu na Última Ceia um novo nexo brilhante sobre o ensinamento e a interpretação das Escrituras, para claramente indicar a natureza do novo povo que ele estava fundando, um novo povo fundado na vítima que se doa em amor fraternal. Ele instruiu seus discípulos para que o imitassem, já que sua presença depois da ressurreição foi sempre a de tomar a forma da vítima que se doa, ressuscitada como perdão fundador da nova Israel (ALISON, 2011, p. 152-153).

Como fundadora da nova Israel que leva adiante a missão de ser sacramento da obra reconciliadora da humanidade, a eucaristia é a base na qual se assenta a comunidade dos discípulos de Jesus. A Igreja baseada na eucaristia é "o símbolo criador da vítima que se doa e que promove por excelência uma nova humanidade" (ALISON, 2011, p. 159).

Nos sacramentos celebrados na Igreja, temos a ação da graça que

cristoformiza: a ação de Cristo na vida dos fiéis que os configura com o Espírito de Jesus. O aspecto primordial da ação da graça de Cristo na comunidade e na humanidade é a virada em direção às vítimas (ALISON, 2011, p. 159). Ao celebrarmos a eucaristia, somos conformados pelo mesmo Espírito que animou a vida de Jesus, Espírito que permanece atuando no mundo e na história de modo presente e real, de modo peculiar, mediante a comunidade cristã.

A comunidade dos seguidores, sempre que ela vive sua fé inclinada em direção às vítimas, ela realiza aquilo que crê. E o lugar privilegiado em que a comunidade nutre a relação de intimidade com o Senhor para crescer no seguimento de Jesus Cristo é a eucaristia. Na eucaristia, comemos o corpo sacramental da Vítima que se entrega amorosamente para que nos transformemos no corpo eclesial - corpo visível e real, histórico e contingente - daquele que comungamos. Isso é atestado pela capacidade da Igreja de viver voltada para as vítimas do tempo presente.

> Essa transformação eucarística da Igreja no corpo de Cristo tem uma dupla dimensão: "nos une a Cristo e aos irmãos". A eucaristia nos une de tal modo a Jesus Cristo que nos faz "participar" de sua vida e nos "transforma" em seu corpo, através do qual Ele continua vivo e operante na história e, na força do Espírito, leva adiante a salvação do mundo. Pela eucaristia, a Igreja é associada à missão de Jesus de anunciar a Boa Notícia do reinado de Deus que vai se concretizando na vida fraterna e no compromisso com os pobres e marginalizados e que tem nas necessidades da humanidade sofredora sua medida e seu critério escatológicos (Cf. Mt 25, 31-46) (CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL, 2019, p. 89-90).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esses elementos podemos afirmar que a eucaristia que celebramos se traduz em nossas vidas como um gesto ético-político de doação, este sempre entendido como amor de gratuidade como a própria característica de Deus revelado na morte e ressurreição do Senhor. O dom da entrega da vida da Vítima que se doa por excelência, Jesus, oferece-nos a possibilidade de reconhecer aquilo que é próprio de Deus, sua

identificação com as vítimas, e a reconstruir toda a nossa realidade humana e social à luz do impulso divino que se coloca ao lado dos que sofrem as consequências da injustiça, da violência e da morte no mundo.

Ao comungarmos das espécies eucarísticas nos alimentamos do corpo da Vítima, Jesus Cristo, para que nos transformemos no corpo que comungamos. Expostos ao mistério de Jesus Cristo somos curados para que habitemos o mundo de um modo novo: 1) com uma nova intersubjetividade/relacionalidade que emerge do coração refeito que nos conduz à superação da rivalidade fratricida; 2) como fiéis que habitam os conflitos e as encruzilhadas da história marcada por sofrimentos para os ungir com o bálsamo das bem-aventuranças (FRANCISCO, 2020).

O Mistério Pascal de Jesus, sua cruz e ressurreição, nos fará sempre questionar a vocação cristã para fora das liturgias bem ornadas, das sacristias e espaços cristãos consolidados, da institucionalidade fria e das leis canônicas desvinculadas das alegrias e tristezas das pessoas de nosso tempo (GS 1). Somos desafiados a ir além do espelho da presença de Jesus no pão e no vinho eucaristizados que podem se tornar em nosso momento histórico em amuleto, fonte de falsificação da nossa fé. A força da graça de Cristo nos conduz a nos tornar como Ele na virada em direção às vítimas. A profundidade real do mistério que celebramos está na vida em doação, à exemplo da vida do Senhor, culminada no Mistério Pascal.

Quando olhamos para Jesus Cristo elevado sobre nós, contemplamos o Ressuscitado que vive com as marcas da paixão. No seu corpo, encontramos os corpos dos homens e mulheres que ao longo da história tiveram suas vidas quebradas e destroçadas. No corpo deles/as, perguntamo-nos pelas causas de suas mortes, pela vida que tiveram e que foi ceifada pela injustiça, pela violência e pela sede desenfreada de lucro e de poder. Jesus manifesta o sagrado resgatando o que é humano: nossos corpos, nossos territórios, nossas formas de organização social, nossos modos de produção, troca e economia (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020); ou ainda, a pessoa mesma em relação de comunidade (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2016, p. 50), aberta aos demais, descobrindo a aventura de se fazer humana na

interrelação com Deus, os demais humanos e todas as coisas criadas.

A dimensão social e profética da eucaristia, com sua consequência ética e política, manifesta-se no encontro com a Vítima que se faz alimento. Nele somos remembrados. Comungamos do seu corpo para superar as rivalidades que nos separam (Cl 1,17-20). Em Cristo, podemos enxergar os e as que mais sofrem as consequências da exclusão e do mal. A eucaristia apresenta-se como uma proposta mistagógica: somos chamados a nos tornar "o corpo do Messias" através do "ágape compreendido como superabundância amorosa que rompe toda rivalidade fratricida (1Cor 12,27.31 – 13,1-3)" (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 320).

Das relações pessoais à organização social, política e econômica, a comunidade de fé é chamada, portanto, a uma práxis de libertação dos oprimidos que se manifesta na práxis de dignidade, na justiça com verdade e democracia com equidade (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 311). Tal realidade capacita a comunidade de fé a ter os elementos para levar o discernimento da história. O corpo de Cristo nas vítimas de hoje é o nosso critério de discernimento da qualidade do nosso seguimento. Não se trata simplesmente de um cristianismo que fala de Deus e reproduz versos bíblicos, mas de uma comunidade de fé que, sustentando uma mística de comunhão com o Crucificado-Ressuscitado, seja capaz de ser sinal do Reino em um mundo marcado por projetos violentos: o capitalismo, o patriarcado, o colonialismo e um cristianismo com face sacrificial (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 283).

A tragédia brasileira é a histórica situação de invisibilização e de negação de nossas feridas que nos constitui como uma sociedade forjada na desigualdade, no patriarcalismo, nas formas antigas e novas de exploração laboral, no racismo estrutural, na violência de gênero, na lgbtfobia, na fetichização do dinheiro, na negação dos direitos dos povos originários e tradicionais. O cristofascismo vigente como projeto autoritário de poder político e religioso é a ideologia mais adequada em um país que não quer ver os corpos que foram desovados à beira dos caminhos (Lc 10,25-37), nas quebradas e favelas, nas viaturas e camburões, nos presídios e

delegacias, nos quartos de casa, nas roças e aldeias.

O presente e o futuro das comunidades cristãs brasileiras passam(rão) necessariamente pela diaconia aos que foram levados à cruz como vítimas dos sistemas sacrificiais nos quais estamos inseridos. O futuro só será viável e possível pelo reconhecimento da diferença dos de baixo, dos sem nome, dos invisibilizados pelo sistema, dos pobres da terra (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2016, p. 49), das vítimas do sistema. Sem esse reconhecimento, muitos seguirão servindo ao deus Moloch, deus dos cananeus, deus dos sacrifícios humanos, deus do cristofascismo que angariou multidões de adeptos dentro dos templos, liturgias e comunidades cristãs brasileiras.

REFERÊNCIAS

ALISON, James. *Conocer a Jesús:* cristología de la no-violencia. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1994 (Colección Koinonia).

ALISON, James. *O pecado original à luz da ressurreição:* a alegria de descobrir-se equivocado. São Paulo: É Realizações, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição pastoral Gaudium et spes*. Sobre a Igreja no mundo atual. 07 dez. 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 19 jun. 2022.

CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL, 18., 2020, Recife. *Texto base*. São Paulo: Paulus, Paulinas, 2019.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem final do encontro internacional "The Economy of Francesco"*. 21 nov. 2020. Mensagem em vídeo. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201121_videomessaggio-economy-of-francesco.html>. Acesso em: 22 ago. 2022.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado.* 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GIRARD, René. *Eu via satanás cair do céu como um raio*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002 (Coleção Crença e Razão).

GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo:* tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003.

MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. *Deus ineffabilis:* uma teologia pós-moderna da revelação do fim dos tempos. São Paulo: É Realizações, 2016.

MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. *A ressurreição como antecipação messiânica:* luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes. Petrópolis: Vozes, 2020.

MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. *Somente a partir das vítimas poderemos curar o corpo social ferido*. 06 mai. 2020. Entrevista. Disponível em: < https://www.ihu.unisinos.br/categorias/598646-somente-a-partir-das-vitimas-poderemos-curar-o-corpo-social-ferido-entrevista-com-o-padre-dominicano-carlos-mendoza>. Acesso em: 28 ago. 2022.

PY, Fábio. Jesus e a memória insurgente dos "sem rosto". In: CHRISTIAN AID. *Vozes proféticas no Brasil:* por uma teologia da transformação. Programa Brasil Christian Aid, 2019. E-book. Disponível em: < https://www.conic.org.br/portal/files/Vozes_Profeticas_no_Brasil_Versao_Web.pdf >. Acesso em: 12 mar. 2022.

PY, Fábio. *Pandemia cristofascista*. São Paulo: Recriar, 2020a (Série Contágios Infernais). E-book.

PY, Fábio. *Cristofascismo, uma teologia do poder autoritário*: a união entre o bolsonarismo e o maquinário político sócio-religioso. 01 jul. 2020b. Entrevista concedida a Patrícia Fachin e João Vitor Santos. Disponível em: < https://www.ihu.unisinos.br/600150-cristofascismo-a-uniao-entre-o-bolsonarismo-e-o-maquinario-politico-socio-religioso-entrevista-especial-com-fabio-py >. Acesso em: 12 mar. 2022.